

# A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra<sup>1</sup>

**Maria Edilúzia Leopoldino Santos**

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS  
Endereço profissional: Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação de Ciências Humanas  
Av. Marechal Rondon, s. n., Departamento de Geografia, Rosa Elze, São Cristóvão, SE, Brasil  
CEP: 49100-000. Telefone: (79) 2126742.  
Endereço eletrônico: [mariaediluzia@yahoo.com.br](mailto:mariaediluzia@yahoo.com.br)

## Resumo

O presente artigo visa analisar as estratégias dos trabalhadores rurais no espaço do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Traduzindo na relevância dos seus símbolos e na mística que permeia a militância e influência na luta. É preciso observar que a mística é compreendida como o ponto de partida da análise sob fundamentação de Henri Lefebvre. A mística do Movimento é a capacidade, segundo Bogo, de construir imaginariamente o momento seguinte e fazer parte dele. A mística no Movimento dá sustentação ao projeto político e alimenta a prática no espaço vivido. O espaço é resultado da ação do homem no espaço vivido. Neste movimento de transformação do espaço ele vai construindo apropriações e dando sentido ao lugar. A mística é a essência do Movimento, sem ela não existe a luta. Ela cria mecanismos que reafirmam no cotidiano a necessidade da implantação de um projeto social que possibilite a libertação do homem.

**Palavras-chave:** movimento dos trabalhadores rurais sem-terra; mística; estratégias; espaço vivido; projeto político.

## Resumen

### La construcción del camino para la conquista de la tierra: un espacio de transformación del Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

Lo present artículo visa análisis las estrategias de los obreros rural en lo espacio del Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Traduciendo en la relevancia de la mística. La mística que permea la militancia e influencia en el lucha. Es preciso observar que la mística es comprendida como el punto de partida del análisis bajo la fundamentación de Henri Lefebvre. En este artículo ella es presentada como el método del enfrentamiento y se constiue la propia condición de posibilidad de territorialización. La mística del movimiento es la capacidad, según Bogo, de construir imaginariamente el momento siguiente y hacer parte de el. La mística en el movimiento da sustentación el proyecto político, alimenta la práctica en el espacio vivido. El espacio es resultado de la acción del hombre en el espacio vivido. En este movimiento de transformación del espacio el va construyendo apropiación y dando sentido al sitio. La mística es la esencia del movimiento, sin ella no existe la lucha. Ella cría los mecanismos que reafirma en el cotidiano la implantación de uno proyecto social que posibilid la emancipión del hombre.

**Palabras clave:** movimento dos trabalhadores rurais sem-terra; mística; estratégias; espacio vivido; proyecto político.

<sup>1</sup> O presente artigo é parte integrante do terceiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada “A Mística nos Acampamentos dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra como Processo de Territorialização”.

## Abstract

### Constructing a way to conquer the land: the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, a space of transformation

The present article examines some rural workers land struggle strategies within the space of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. It follows Henri Lefebvre in asserting that the starting point of an analysis rests in discovering the relevance of symbolic activities, such as the ritual *mística*. According to MST intellectual Ademar Bogo, the *mística* is a form of participatory theatre, regularly composed and performed by MST members, that has the capacity to imaginatively project and construct the coming moment, and live it, too. The *mística* sustains much of the movement's political project and nourishes practical affairs in the lived space. The article argues that this space arises from human agency; people carving out their lives and livelihoods. The *mística* is the essence of the movement and without it the fight will not go on. It creates mechanisms that daily reaffirm the need for a project that makes possible man's liberation.

**Keywords:** rural social movements; *mística*; strategies; lived-space; political project.

## Introdução

Na sociedade capitalista o controle sobre o sistema sociometabólico, “um complexo caracterizado pela divisão hierárquica do trabalho, que subordina as divisões do capital”, de acordo com Mézaros (2002), proporciona no espaço geográfico as contradições sociais. Esse sistema, em decorrência do controle sobre o tripé capital, trabalho e estado, reafirma a reprodução expandida. O desafio da sociedade é organizar um contra poder para transformar essa estrutura sistêmica modificando o tripé em sua totalidade. Segundo Marx e Engels (1996, p. 43), “a história de toda a sociedade constitui no desenvolvimento de antagonismos de classes que assumirão formas diferentes em épocas diferentes”.

O espaço é resultado da ação dos homens, não de um ato individual, mas da totalidade de suas relações. Logo é resultado de movimento, de transformação, da espacialização. “Mas a espacialização não é o espaço. A espacialização é um momento da inserção territorial dos processos sociais [...] a espacialização é sempre o presente, um presente fugindo.” (SANTOS, 1988, p. 73). Como afirma Lefebvre (1983), é presença, mas também o momento da ausência.

De acordo com Lefebvre (1991), o espaço é estratégia, nesse termo, é necessário estudar as múltiplas territorialidades e suas dimensões que se liga ao vivido. As rebeliões situadas no cotidiano têm como suporte o vivido, onde se defrontam as racionalidades e as irracionalidades, o saber e o conhecer, a facticidade e a naturalidade, a coisa e o signo da coisa. Nesse embate existem momentos que permitem a apropriação, ganha-se presença. Em tais circunstâncias as representações recuam, e no limite tendem a se desfazer. Só a prática criadora comportando relações de criação contém o sentido da obra.

O intuito de estudar a *mística* neste artigo é fruto do entendimento de que a apreensão do seu significado propicia a compreensão do cotidiano da luta dos acampamentos, do seu cotidiano (o vivido), lugar do embate entre o concebido e o vivido, no movimento da sua espacialização para a concretização da apropriação social. Em Lefebvre o momento da apropriação inclui o afetivo, o imaginário, o sonho, o corpo o prazer, a possibilidade da obra (SEABRA, 1996, p. 73). “O cotidiano, ele próprio, é uma mediação entre o econômico e o político, objetivação de estratégias do Estado no sentido de uma gestão total da sociedade” (p. 77). O cotidiano onde de um lado o Estado através das políticas procura gerenciar a interação capital e mercado, o que significa a apropriação do trabalho, mas por outro é onde se travam as lutas pelo uso do espaço.

É na região do sertão do Baixo São Francisco sergipano que podemos encontrar as piores condições de vida do Estado de Sergipe. Na divisão do IBGE, a região tem 4.952,9 km abrange 20,3% do território sergipano, sendo formado por 6 municípios. A divisão do MST não segue essa divisão (ver Figura 1). Conforme afirma Eduardo Alves Bastos & Vânia Fonseca (1997, p. 10):

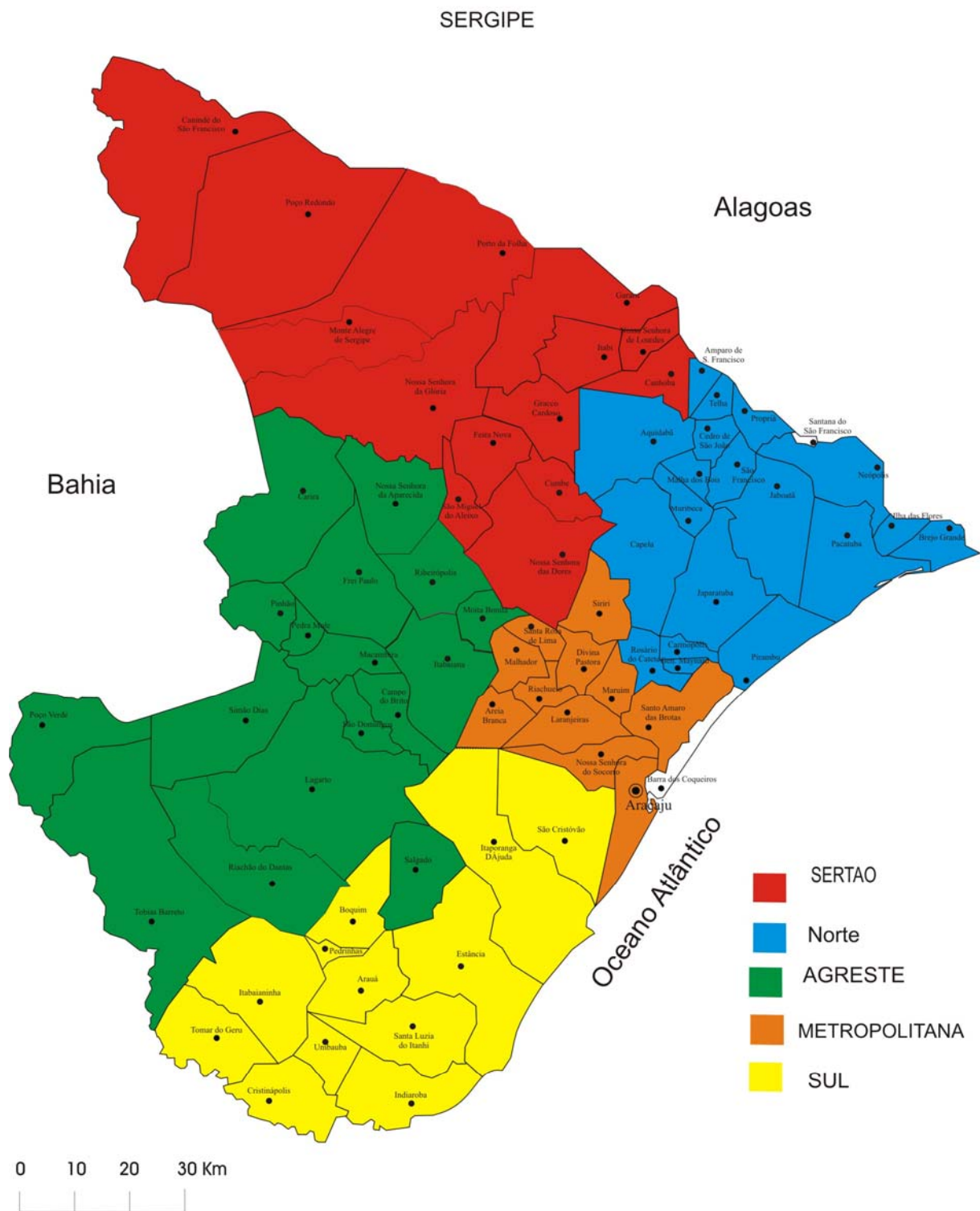
A região do sertão do Baixo São Francisco sergipano, é economicamente pouco dinâmica, com população predominantemente pobre, acesso irregular ao mercado de produtos e serviços [...] Predominam as relações econômicas informais, bastante calcada na troca e marcante dependência das flutuações das políticas econômicas governamentais e dos interesses político-econômico dos grupos de poder local [...] A dispensa de trabalhadores devido a diminuição das atividades de Xingó [...] determinou a existência de um grande contingente de mão-de-obra ociosa que, não tendo para onde ir, permaneceu na área com a esperança de conseguir algum trabalho, especialmente ligado a agricultura, constituindo de fato, um contingente populacional sem emprego e em estado de miséria e um grande elenco de problemas sociais [...].

Sendo um município fronteiro com os estados de Alagoas e da Bahia, Canindé, foi ao longo do tempo se constituindo um pólo de atração populacional e de diferentes interesses políticos e econômicos. A presença e a ausência simultaneamente do Estado, foram importantes instrumentos na configuração territorial do capital. Nesse sentido, espaço representado é o vivido, o pensado, o apropriado e o sentido no lugar das suas moradias. Assim o homem “constrói relações sociais e concepções, idéias, interpretações que dão sentido àquilo que faz e àquilo de que carece, a coisificação das relações sociais é que promove a sua alienação em relação à sua obra” (MARTINS, 1996, p. 19). Neste sentido é analisada a contextualização geográfica e histórica da mística. A concepção do simbólico é fundamentada a partir da análise de Lefebvre, na sua reflexão sobre o mundo das representações na produção do espaço.

A lógica excludente do capital, para Mézáros, só poderá ser enfrentada com a organização dos trabalhadores. Só um movimento ampliado de massa extraparlamentar pode ser capaz de mudar a estrutura da sociedade. O desafio maior dos trabalhadores é criar novas formas de enfrentamento que não passem pela centralização dos partidos políticos e sindicatos. Movimentos sociais autônomos capazes de articular as lutas sociais eliminando a fragmentação política e ideológica gerada pelas visões partidárias. Nesse sentido, somente uma luta coletiva poderá criar um novo sistema metabólico de controle social.

A razão de existência dos movimentos está na ocupação. A ação de resistência ocorre pelos processos de espacialização e territorialização. A espacialização é a ação concreta de ocupar o território. Enquanto a territorialização é compreendida pelo processo de conquista do território. Contudo, segundo Bernardo Mançano Fernandes, agora já dimensionada pela vivência cotidiana num processo de reflexão e ação/ação e reflexão em que as idéias e as interpretações da realidade são fundamentais para a construção do conhecimento.

Figura 1 – Regiões do MST no Sergipe



Fonte: MST

## A formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

Em decorrência das mudanças, no campo, geradas pelo capitalismo, ampliou-se a resistência dos trabalhadores rurais. A organização de movimentos sociais no campo, para enfrentar a concentração de terra, o desemprego e a violência, não são recentes, fazem parte do processo de ocupação do espaço rural. De acordo com Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1998, pp. 65-68), na década de sessenta, século XX, com regulação das relações capitalistas no campo, os conflitos entre trabalhadores rurais e latifundiários se ampliaram, os movimentos sociais foram a alternativa dos trabalhadores para resistirem contra a expropriação.

Em todas as regiões do país ocorreram conflitos, sobretudo nas de ocupação antiga que passaram a revelar as contradições do processo contraditório de desenvolvimento do capitalismo no campo, ampliando a concentração fundiária [...]. A implantação de grandes projetos agropecuários na Amazônia, principalmente no Pará no “Bico do Papagaio”; [...]. Outra frente de luta pela terra travada pelos camponeses foi dos desapropriados nas grandes obras realizadas pelo Estado [...] exemplos desta luta aparecem no RGS em função do projeto de construção de várias barragens no Alto Uruguai; na construção da hidrelétrica de Itaipu e no Nordeste na construção das barragens de Sobradinho e Itaparica no rio São Francisco [...] Os movimentos sociais no campo extravasaram as fronteiras e chegam também ao Paraguai. [...] Lá os camponeses brasileiros que emigraram [...] hoje organizam-se no movimento dos Brasiguaios” [...] que lutam para serem repatriados e assentados [...]. Os movimentos sociais rurais também chegaram a Amazônia. No Acre, os seringueiros organizados [...] têm aberto luta contra os latifundiários [...] os povos indígenas lutam pela preservação de suas terras [...] contra as invasões de fazendeiros, grileiros e garimpeiros. [...]. O Projeto Calha Norte é um exemplo.

Na Ditadura, houve um incentivo do governo à implantação da modernização no campo. Esse processo também conhecido como Revolução Verde, via Ministério da Agricultura, incentivou os latifundiários e empresas rurais, através de empréstimos e subsídios, para a aquisição de sementes melhoradas geneticamente e compra de máquinas, ampliando o processo de expropriação da terra. Posteriormente, a ampliação do parque industrial irá exigir a construção de Hidrelétricas ocasionando o surgimento, de acordo com Germani (2003), dos expropriados da água. O processo gerou a ampliação da concentração de terra, o aumento do desemprego no campo e intensificou os conflitos pela disputa da terra. De acordo com Oliveira (1988, pp. 25-26), na territorialização da agricultura capitalista no Brasil ocorreu capitalização do campo e a concentração de terra:

Na formação territorial capitalista no Brasil estes processos contraditórios produzem/geram movimentos de concentração da população. [...] Formouse, pois, o *locus* da concentração do capital e da força de trabalho, as grandes regiões industriais [...]. No campo este processo está igualmente marcado pela industrialização da agricultura, ou seja, desenvolvimento da agricultura capitalista [...] pelo processo de territorialização do capital, sobretudo dos monopólios. [...]. Porém, este processo no campo está também contraditoriamente, marcado pelo processo de expansão da agricultura camponesa [...].

Nessa diversidade de lutas, no campo, é organizado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST, um movimento nacional, com o intuito de articular os trabalhadores rurais e criar estratégias para pressionar o governo federal a realizar a Reforma Agrária no Brasil.

Figura 2 – A espacialização do MST no Sergipe



Fonte: Pesquisa de Campo, 2000.

Nas normas gerais do MST, no capítulo 1 sobre o que é o Movimento, se identifica como um movimento de massa dentro do movimento sindical, que articula todos os trabalhadores rurais sem-terra para a conquista de terra para trabalhar.

No documento, “O Movimento de Massa”, publicado em 1991, entende por “massa” o conjunto de pessoas de uma determinada categoria ou classe, que está dispersa ou organizada em torno de uma proposta e que pode desenvolver atividades diversas. Os trabalhadores rurais Sem-Terra são considerados a grande massa dos Sem Terra, como também os assentados organizados e que já conquistaram a terra, podem ser considerados massa dos Sem-Terra que participa do MST.

Também é considerado um movimento social, porque aglutina trabalhadores rurais em torno da construção de um projeto de sociedade igualitária que vive na sociedade e mantém relações com outras categorias de trabalhadores. É um movimento político que luta para modificar o sistema político e econômico que tem proporcionado e ampliado a exclusão dos trabalhadores rurais do acesso a terra, para sobreviver dignamente com a sua família.

O Estatuto do Trabalhador Rural – ETR, Lei nº. 4.504, de 30 de novembro de 1964, considerava trabalhador rural aquele que exercesse a profissão no campo com contrato de trabalho, direito a salário, repouso semanal e indenização por tempo de serviço. O MST amplia o entendimento sobre a categoria “trabalhador rural”. O debate sobre a categoria iniciou no 1º Congresso Nacional em 1985 e prosseguiu por cinco encontros nacionais realizados, anualmente, e em reuniões da Coordenação Nacional realizadas trimestralmente. O resultado do debate deu origem ao documento, “Normas Gerais do MST”, publicada em 1989. No capítulo I, especifica como trabalhadores rurais sem-terra todos aqueles que vivem como parceiros, arrendatários, meeiros, assalariados rurais ou posseiros e pequenos proprietários de até cinco hectares de terra.

O MST é resultado da continuidade das lutas que vinham acontecendo no país desde o período da colonização. No início, a luta era fragmentada e focalizada, os trabalhadores rurais se organizavam para lutar contra a violência do Estado e dos latifundiários, mas não tinham uma identidade de categoria. As insurreições aconteciam no

campo, mas eram sufocadas, debeladas pelo Estado Nacional. A origem do MST, de acordo com Bernardo Mançano Fernandes (1998, p. 26), está ligada á aglutinação das diferentes lutas pela terra que estavam acontecendo no Brasil, a partir da década de 70.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) nasceu em um processo de enfrentamento e resistência contra a política de desenvolvimento agropecuário, implantada durante o regime militar. Esse processo é entendido no seu caráter mais geral, na luta contra a expropriação e contra a exploração do desenvolvimento do capitalismo. O MST é parte de um movimento histórico da luta camponesa do Brasil. Desde Canudos, Contestado, Porecatu, Trombas e Formoso.

Ivaldo Gehlen (1994) considera que a origem do MST deve ser datada, a partir da década de sessenta, quando o Movimento dos Agricultores Sem-Terra (MASTER), com a participação de militantes do Partido Comunista Brasileiro – PCB e do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, fizeram ocupações na fazenda Sarandi em 1962, na fazenda Santo Antonio em Tapé, e ocupações de reservas indígenas no estado do Rio Grande do Sul.

Na década de setenta, o acontecimento que irá encadear o reinício das estratégias de ocupações deu-se em decorrência da expulsão de posseiros da reserva indígena Nanoai, em maio de 1978. Outro fato importante na organização dos trabalhadores para Maria da Glória Gohn, citando Luiz Inácio Gaiger (2000 a, pp. 142-143), foi o ressurgimento das entidades de lutas e apoio à luta dos trabalhadores rurais:

Em 1975, foi criada a Comissão Pastoral da Terra, com o apoio da Igreja Católica. Esta atuação se inscrevia nos marcos da revisão que a Igreja estava fazendo desde o Concílio Vaticano II, em 1964, e das linhas de novas pastorais definidas, a partir de 1968 em Medellín, na Colômbia. Tratava-se de se voltar para uma atuação junto aos pobres. Na área rural esta nova pedagogia teve um desenvolvimento especial porque se adequava às dimensões simbólicas da religiosidade popular.

Os trabalhadores passaram a se organizar para resistir, com o apoio das Igrejas Católica e Protestante, de sindicalistas e de militantes do PCB e do PTB. No Rio Grande do Sul, os trabalhadores rurais, em 7 de setembro de 1979, ocuparam a fazenda Macali em Ronda Alta; em Santa Catarina, ocuparam a fazenda Burro Branco, no Município de Campo Erê; em São Paulo, 300 famílias ocuparam, em Andralina, a fazenda Primavera. As ocupações passaram a ocorrer também em outros estados. Existe uma corrente de intelectuais que consideram a década de setenta como a gênese da origem do MST. Entre os mais destacados pensadores dessa vertente, estão Gohn (2000) e Fernandes (1999). Estes entendem que os atores sociais que participaram desse processo decidiram que era necessária à organização coletiva dos trabalhadores e determinaram uma data para realizar o encontro dos trabalhadores rurais.

Para Berger (1998), o acampamento Encruzilhada Natalina, em Sarandi, na década de setenta, é importante para o MST, porque nele reuniram-se filhos de colonos, parceiros, arrendatários, trabalhadores rurais e expropriados pelas barragens para estruturar os objetivos da luta pela Reforma Agrária. Com a participação de trabalhadores rurais de doze estados, representantes das pastorais, sindicalistas e representantes de partidos da esquerda, foi organizado em janeiro de 1984, na cidade de Cascavel, no Estado do Paraná, o 1º Encontro Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Nesse encontro, foi debatida a organização do MST para lutar e aglutinar os trabalhadores de todo o país. A vertente da qual participam os estudiosos, Oliveira (1988), Navarro (1996), Berger (1998) e Branco (2003), entende que a origem do MST deu-se na década de oitenta, porque é nesse encontro que foram elaboradas as normas da organização, seus símbolos e a criação de uma identidade: a dos “Sem-Terra” que fazem parte do MST.

A luta pela terra, em Sergipe, foi inicialmente organizada pela Diocese de Propriá. A Igreja, juntamente com as lideranças sindicais, realizou a primeira ocupação no sertão. Uma



das principais lideranças que iniciou a organização do Movimento, no sertão, foi João Sessenta, sindicalista do Município de Nossa Senhora da Glória, um articulador do pólo sindicalista que ajudou na ocupação de Barra da Onça.

Em fevereiro de 1987, o MST enviou João Samariva Daniel (coordenação nacional), para iniciar um trabalho de articulação com as lideranças dos Assentamentos Barra da Onça e Ilha do Ouro, com a CPT da Diocese de Propriá e com os líderes sindicais João Sessenta, Madalena, Nelcido, Sinval e José Dirceu. Já existia um grupo de líderes organizados. O papel de Daniel foi implantar o movimento no estado e ajudar a organizar a ocupação em outubro de 1987, no município de Gararu, e depois as outras ocupações.

### **A mística: uma força misteriosa que anima a militância**

A mística foi valorizada desde o surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST. Em decorrência da influência da Igreja, sempre houve uma preocupação em desenvolver a mística para ajudar na organização e motivação dos militantes. A Comissão Pastoral da Terra – CPT impulsionou o trabalho de base utilizando uma mística religiosa que trabalhava os valores religiosos com uma leitura revolucionária.

A Igreja ajudou na organização dos trabalhadores, segundo Gohn (2000 a, p. 143), através do trabalho de base, desbloqueando os constrangimentos a que eram submetidos:

A pedagogia da Igreja teve grande sucesso no meio popular, a princípio soube respeitar o modo de raciocinar do camponês, sua visão de mundo e forma de se expressar valorizando sua fala, suas canções, poesias, sua cultura em síntese. A cruz e a visão de um processo que se constituía numa “caminhada” foram os símbolos mais significativos da liturgia, que fez da educação de base uma arte de forma profética. [...] Oscilando entre o imaginário das representações através de exercício de grupo como o desenho de como se gostaria que a realidade fosse, e a dureza das condições concretas vivenciadas no cotidiano, faziam-se comparações entre o sonho e a realidade, e delineavam-se os caminhos a percorrer na caminhada.

Com o afastamento da Igreja das atividades da organização dos trabalhadores rurais, o Movimento criou estratégias de enfrentamento e a mística foi adquirindo novos contornos. Mesmo não rompendo com a origem, vai incorporar também as experiências adquiridas com a luta e a ideologia dos intelectuais do Movimento. No documento “Como Organizar a Massa”, produzido em 1991, o Movimento afirma que a mística pode ser entendida:

Como sendo um conjunto de motivações que sentimos no dia-a-dia, no trabalho organizativo, que impulsiona nossa luta para frente. Ela é responsável por reduzir a distância entre o presente e o futuro fazendo-nos viver antecipadamente os objetivos que definimos e queremos alcançar. A mística é a motivação interna que sentimos em contato com o coletivo, que nos anima e aumenta nossa vontade de participar cada vez mais seja nas reuniões, nas assembléias, nas manifestações, nas ocupações, nas greves etc.

### **Origem da palavra mística**

A mística, segundo Leonardo Boff (1998 a), é adjetivo de mistério. É uma palavra de origem grega, *múien*, que significa perceber a especificidade do que está oculto e ainda não foi mostrado à realidade. A palavra estava ligada ao mistério da iluminação que a pessoa alcança, quando celebra, através de rituais religiosos.



Ademar Bogo (2003, p. 9), acrescenta que

As dificuldades de entendimento estavam na origem grega da palavra mística, que está ligada ao nome mistério (*mustérion*), e daí ao latim eclesiástico *mysterion*, e, que, durante a história cristã, este termo foi sendo apropriado pela religião católica e, portanto, pela filosofia idealista. Supostamente, está questão se tornava contraditória com aqueles que tinham formação filosófica baseada no marxismo.

Posteriormente, segundo Boff (1998 a), a palavra adquiriu outros significados.

No **sentido antropológico-existencial** de mistério, a mística nomeia aquilo que faz parte do ser humano e que é impossível de ser entendido na totalidade. Por mais que se conviva com uma pessoa e conheça todas as suas atitudes, jamais se conseguirá prevêê-las. Isso ocorre porque todo ser humano é um mistério, tem-se conhecimento do que o outro demonstra, mas sempre existirá algo que não foi mostrado. De acordo com BOFF (1993, p. 25), a mística “é o mistério vivo e pessoal”, o mesmo ocorre com a realidade, pois as dimensões do seu conhecimento jamais se esgotarão, é algo indefinido.

No **sentido religioso**, a mística cristã é histórica. Mesmo sendo mantida pelas religiões, ela é anterior à institucionalização da religião. Na base de todas as religiões está a fé na existência do mistério diante do sagrado e da vida. No entanto, a fé só pode ser considerada verdadeira quando experimentada com Deus. Existe uma vertente contemplativa da imagem trinitária e comunal. Nessa visão mística, Deus é a comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Nesse sentido, a mística é vista **como um compromisso ético** na relação de solidariedade com os outros seres humanos, porque Deus é comunhão. A mística também é contemplativa, ao ver o homem e a mulher como a imagem de Deus. Tal entendimento, da criação humana por Deus, proporciona a louvação e a exaltação.

Partindo do pressuposto que o Novo Testamento afirma que Deus se humanizou quando deu ao mundo o seu filho Jesus Cristo, e que a ressurreição é um ato de justiça de vida para salvar a todos os que sofrem, os teólogos que fazem parte da Teologia da Libertação têm um outro entendimento da mística cristã. Estes concebem a mística, face ao direcionamento da conduta de Cristo na terra no seu envolvimento, com a causa dos que sofrem na sociedade, um ato místico já que implica uma conduta de transformação pessoal e social.

A mística judeu-cristã, a despeito da mediocridade das instituições e da preguiça espiritual da maioria de seus professantes, apresenta-se como uma mística político, libertadora e contemplativa. Ela não aceita o mundo como está, quer mudá-lo e reconstruí-lo sobre a base da partilha, da solidariedade, da fraternidade/sonoridade, do trabalho, do lazer, e na veneração, face ao mistério da criação. (ibid., p. 36).

No **sentido político**, os analistas sociais e políticos a exemplo de Max Weber, Pierre Bourdieu e outros intelectuais, quando analisam a força das lideranças carismáticas na organização de segmentos da sociedade, vêem a mística como uma paixão forte que anima a liderança e os seus seguidores. Ela funciona como poder de persuasão das suas idéias ou a imagem grandiosa que transpassa influenciando na mobilização de pessoas. Boff (1993, p. 7),

É decisiva na hora do desânimo, da derrota, da decepção e da crise. É o alimento que revigora o povo quando o poder da opressão faz pensar que os esforços para transformar a situação são imponentes e inúteis. [...], é a alma da esquerda, porque produz a garra necessária para combater as injustiças e dá disposição para a concretização histórica de nossos sonhos. Com essa utopia e a ‘história na mão’, a rebeldia se organiza.

Conforme Boff (1998 a, p. 37), na mística político-social, o que prevalece sempre é a utopia,

Aquela capacidade de projetar as partidas, potencialidades do real, novos sonhos, modelos alternativos e projetos diferentes de história. Geralmente são os grupos oprimidos os portadores de novas visões, aqueles que, embora derrotados, nunca desistem, resistem firmemente e sempre de novo retomam a luta. O que os move são os sonhos de uma realidade nova. Por isso desfatalizam a história, não reconhecem como ditado da história a situação injusta imposta e mantida pelas forças opressoras.

A mística político-social não tem uma linha ideológica única. Na diretriz da esquerda que segue como base de análise para entendimento da mística a corrente marxista, a mística faz parte do movimento da militância. O militante é todo indivíduo que fica indignado com a injustiça e por esse motivo se entrega à causa da mudança da estrutura social. A militância pode ser exercida pela liderança ou coordenação em um acampamento, ou enquanto participante como dirigente do Movimento. É uma pessoa que ajuda a organizar a luta, incentiva os trabalhadores a continuar na luta e articula estratégias juntamente com a base.

Sob o **ponto de vista geográfico** a mística como um todo é um território. Na mística geográfica as suas ações constituem um processo de mudanças contínuas, mas também reflexivas, constituindo em transformações no processo de territorialização do movimento e nesse processo cria espaços. Os diferentes conteúdos sócio-político-espaciais do lugar, que conservam a segregação espacial do trabalhador rural, passam a ser trabalhados com a militância no intuito de implantar uma nova realidade.

De acordo com Silva (1998), a mística é uma força que vive a realidade, é uma experimentação que valoriza a vida, a dignidade do ser humano, a eterna rebeldia para continuar livre.

A mística faz parte das estratégias de enfrentamento. Ela mantém o ânimo e a esperança para que o trabalhador não desista, mesmo que a conjuntura seja repressiva. É a utopia de transformar a sociedade opressora numa sociedade igualitária colocada em prática pelo projeto político do Movimento. É viver em construção da felicidade, é um caminho construindo no cotidiano, é uma pedagogia alimentada pela confiança na mudança, na organização para implantar o projeto e na participação ativa dos trabalhadores.

O ser humano, para Boff (1998 b, p. 146), é um ser utópico que vai construindo a sua história numa sociedade: “A utopia é uma imagem ainda não realizada, mas possível, presente dentro da realidade e projetada para frente, no futuro”.

O ser humano é, em sua essência um criador de utopias e de imagens. É pela utopia que ele vai criando um direcionamento para seguir e conquistar um futuro diferente da realidade em que está inserido na sociedade.

O termo utopia, de acordo com Maria Lúcia de Arruda Aranha & Maria Helena Pires Martins (1994, p. 382), vem de ou – topos, nenhum lugar. Existem vários entendimentos para o significado: pode ser o que não existe em nenhum lugar, o ideal de uma sociedade, mas está também ligada à esperança que faz parte de um projeto utópico, sendo a antecipação daquilo que ainda não se concretizou, mas torna-se possível criar as condições propícias para que se concretize.

A utopia, para Boff (1998 b, p. 143), é importante para o ser humano porque ela alimenta o sonho de transformação:

A utopia faz irradiar, criar, projetar e ter um fogo interior. Ela revela o melhor que se esconde dentro dele. É a águia que desperta querendo erguer vôo. Ela é a realização possível de um sonho. É um dado palpável e concreto. Mas esse dado guarda um projeto maior; ela esconde dentro dele um possível. É a abertura para o infinito, essencial ao ser humano.

Em Sergipe, em 1988, foi organizado no Assentamento Moacir Wanderley, no Povoado Quissamã, Município de Nossa Senhora do Socorro, o 1º Curso de Capacitação, dando início à formação dos setores de mística. Os monitores do curso concluíram que

a mística é uma forma de organização em que todos têm direitos e deveres a cumprir, dentro de qualquer lugar que estejam fazendo sua atividade. Também é uma forma de expressar seus pensamentos e sentimentos, através dos símbolos: cartazes, apresentações, dramatizações teatrais, palavras de ordem, entre outros.

### **A importância da Mística no incentivo à participação: uma reflexão sobre o método nas estratégias de enfrentamento da realidade**

A mística procura mostrar que é importante a participação do trabalhador na luta pela conquista da terra, tendo em vista que esta foi secularmente mantida pelos grupos dominantes. No entendimento de Bogo (2002, p. 153),

participar quer dizer fazer parte, ter o reconhecimento da importância de compor algo maior do que somos individualmente. Fazer parte, no caso do MST, é assumir uma nova identidade, como objeto que se transforma em símbolo.

A tarefa da mística é construir um novo ser humano, através da participação na transformação social. Todos são importantes no acampamento. Os vícios, os preconceitos e relações de poder que fazem parte do comportamento dos Sem-Terra devem ser modificados incorporando valores éticos. Nos acampamentos, por ser um lugar de indefinições e que rompe com relações de posse, é mais fácil, de acordo com BOGO, incorporar valores novos.

A mística, nos acampamentos, ocorre com a valorização dos símbolos, da arte, da musicalidade e da disciplina. Nos cursos e manifestações, além das atividades ligadas à música e palavras de ordem, no início das atividades, ocorre uma dramatização abordando temas sobre o cotidiano da militância, da sociedade ou sobre a história de companheiros que, no passado, também lutaram para modificar a estrutura social.

As dramatizações nos encontros do Movimento são realizadas pelo setor da mística em um tempo breve, no máximo por dez minutos. A atividade visa despertar nos militantes a sensibilidade ou a indignação para mudar a realidade. É o exemplo da mística que trata da violência do latifundiário contra os trabalhadores rurais realizado em um encontro no Assentamento Moacir Wanderley, no Povoado Quissamã, Município de Nossa Senhora do Socorro em Sergipe.

Também é abordada, nas representações, a relação de gênero. Como o Movimento deseja formar um homem novo, não existe espaço para as antigas relações de opressão da mulher. As relações de gênero e de gerações, na militância procuram romper com as tradicionais relações de opressão e de competitividade. No MST, a mulher é companheira do homem participando ativamente de todas as decisões que envolvam a família. Além disso, a mulher não deve se sujeitar de ser somente a dona de casa, aquela que lava, cozinha e cuida das crianças, mas uma mulher militante que participa de cursos, manifestações, estuda e define com seus companheiros o que irá produzir na terra conquistada.

Nas relações de gênero, outro desafio é o alcoolismo. O membro que no linguajar dos trabalhadores é chamado de: *bebe cana*, *cachaceiro* ou *beberrão* é dramatizado, na mística, para mostrar como este comportamento gera conflitos com a companheira, ou até brigas nos acampamentos com os outros companheiros.

O jovem também é valorizado pela mística. Ele é mais aberto para novos conhecimentos e tem uma energia que é aproveitada através da participação nos setores do

movimento. Os jovens, na atualidade, organizam grupos de mística e participam de setores da cultura. A alegria e a energia dos jovens, quase sempre, influenciam na participação mais ativa dos pais que, na maioria das vezes, sentem dificuldades para modificar os comportamentos já enraizados. Em Canindé do São Francisco, o Grupo Zumbi dos Palmares organiza encontros de jovens visando formar quadros para o setor da mística. Nesses encontros é resgatada a cultura do lugar e formam-se grupos de teatro. Em oficinas são formados grupos que irão atuar nos acampamentos e assentamentos.

Atualmente, existem grupos de teatro que utilizam o “Teatro do Oprimido” em mais de 70 países do mundo e a técnica fundada por Boal é amplamente usada por diretores de teatro de diversas formas, para fins sociais e, especialmente, para fins terapêuticos, respeitando os princípios éticos. No Estado de Sergipe, além do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, existe o grupo “Cruzcao” que está realizando apresentações nas escolas, trabalhando temas como: drogas e sexualidade além de apresentações sobre a análise da realidade social no país.

Figura 3 – Peça “Lampião e Maria Bonita”



Fonte: Grupo Zumbi, 2004.

No Movimento, as ações dos Sem-Terra vão criando cultura, as experiências passam a incorporar a memória social dos trabalhadores. Segundo Bogo (2003), essa memória é a repetição de comportamentos que foram sendo adquiridos com o conhecimento acumulado na sociedade, mas também é composta de conhecimentos científicos que influenciam na consciência social do trabalhador. Essa consciência se mantém social porque o Sem-Terra incorpora conhecimentos na convivência. Para ela se transformar numa consciência política, é necessário que no cotidiano do Movimento, o trabalhador vá além do entendimento da realidade excludente e luta para transformá-la.

O trabalhador rural atua no espaço modificando a sua função. A categoria espaço é entendida como a possibilidade de criação social, isto é, de insurgências. A interação entre

o trabalhador rural e o espaço gera novas configurações espaciais tendo como síntese a territorialização. A noção de tempo na globalização, segundo Santos (1997) dá-se como um tempo real permeado pela aculturação. A mística modifica essa categoria tornando-a atemporal. Daí inicia-se um resgate das insurreições dos trabalhadores transportando-as para a atualidade, os trabalhadores rurais sem-terra passam a fazer parte, num entendimento místico da reestruturação do espaço excludente. A morte de um trabalhador não impede que ele continue fazendo parte da luta, a sua memória é mantida viva através de homenagens. A memória coletiva da luta dá sustentação à militância no cotidiano gerando uma coesão no ato revolucionário.

A consciência política não é somente desenvolvida através do trabalho de base, mas também à medida que vai mantendo viva a memória da luta. Nesse sentido, a mística trabalha com um calendário anual de luta com comemorações e reconhecimento das experiências bem sucedidas por outros companheiros que já trilham o caminho da conquista da terra e de manifestações de indignação contra a impunidade nos crimes contra o trabalhador rural. É o exemplo de Eldorado dos Carajás. O dia do massacre é lembrado todos os anos nacionalmente com manifestações e passeatas de protesto para denunciar a sociedade que trabalhadores morreram e continuam morrendo porque lutam para ter uma vida digna. Em Canindé do São Francisco, o resgate se dá com a comemoração do dia treze de março, uma data importante para a regional do sertão. Os trabalhadores mantêm viva a história da primeira ocupação, percorrendo o mesmo caminho que deu início à luta em 1996. A comemoração é um ato místico, porque valoriza a experiência histórica acumulada.

Na dialética da luta dos acampamentos, na medida em que o trabalhador se conscientiza da subordinação que estava submetido, a convivência coletiva transforma-se num espaço desalienante, mas também pode transformar-se em um espaço alienante em consequência do não rompimento com a cultura individualista ao incorporar a idéia de posse da conquista da terra. Neste caso, o trabalhador passa a considerar a terra não como um bem coletivo, mas como dele. O trabalho de base vai gerando desalienações. É um processo desalienante-alienante-desalienante com conquistas e contradições nem sempre resolvidas, mas o Movimento vai aproveitando cada espaço conquistado para fortalecer a luta pela sua apropriação.

## **Os princípios ideológicos da mística: linha política e método revolucionário**

Para trabalhar a mística, a linha política do Movimento utiliza métodos e táticas. O método está fundamentado na concepção marxista que é a base de sustentação da organização. Todas as atividades são planejadas com antecedência e possuem um conteúdo ideológico e técnico. O método vai sendo aplicado no cotidiano utilizando elementos estruturais para orientar o caminho da construção da utopia socialista.

Os elementos estruturais formulam várias etapas para serem seguidas até se concretizar a ocupação. Inicialmente, o Movimento analisa as ações que pretende realizar. Nenhuma ação pode ser realizada espontaneamente, a preservação da vida humana é a principal preocupação ao se planejar uma ocupação ou manifestação. Se for uma ocupação, na reunião que a antecede, são estudadas as informações sobre a área e a possibilidade de aglutinar forças para ocupá-la.

Estabelecidos os objetivos, é necessário colocar uma meta para ser alcançada e ir colocando em prática no cotidiano. A meta só será atingida, quando a sociedade for transformada, tendo a dignidade humana como a essência de suas ações sociais.

Os requisitos orgânicos são as ferramentas utilizadas para colocar os objetivos em ação. Para uma ocupação se concretizar, é necessário aglutinar famílias, comprar lona, alugar caminhões, ver a questão de alimentos e até mesmo, de acordo com Bogo, decidir quem vai levar a bandeira.

Figura 4 – A valorização da bandeira



Fonte: Pesquisa de campo, 2004.

A avaliação está presente em todas as fases do método como um processo dinâmico. Cotidianamente o método é revisto, se considerado eficiente é mantido, senão é reformulado. A teoria serve como subsídio científico na avaliação. Ao utilizar as técnicas é possível avaliar a sua manutenção, ou, se for necessário, criar técnicas novas para atuar no espaço levando em conta a peculiaridade do lugar.

Os elementos estruturais continuam evoluindo e vão sendo formulado-reformulado-formulado com condições objetivas e subjetivas que influenciam a sua mudança. Para Bogo, isso significa que uma ação pode se transformar em várias outras na lógica da continuidade. Isso significa que quanto mais se ocupa mais se mobiliza trabalhadores e mais tarefas vão surgindo. Portanto, é um processo dialético em que a luta está em movimento.

A análise de conjuntura é uma atividade no cotidiano do trabalho de base. O capitalismo passa a idéia de igualdade para todas as pessoas, mas o lucro rege as relações de produção, estimulando a individualização. A valorização da individualização tem ampliado a competição entre os trabalhadores, enfraquecendo a organização coletiva na sociedade. O Movimento, na convivência coletiva dos acampamentos, tenta romper com esse culto ao individualismo do capitalismo que só fragmenta a luta pela mudança da estrutura social e passa a debater as contradições sociais na sociedade.

A preocupação do Movimento não é copiar a luta dos militantes do passado, porque a realidade deles era outra e não pode ser utilizada hoje, mas aprendendo com eles e criando estratégias de enfrentamento com um método de transformação social.

A sociedade é analisada pela mística como resultado das relações sociais de produção. Com o resgate das obras marxistas, de Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Antonio Gramsci e V. Lênin, o Movimento visa a ampliar o conhecimento dos trabalhadores sobre a estrutura social, política e econômica da sociedade capitalista e suas contradições. Paralelamente à formação política, a consciência filosófica é desenvolvida através de cursos de capacitação e do trabalho de base.

Somente quando o trabalhador rural passa a ter conhecimento das relações contraditórias do sistema capitalista, é que ele passa a criar estratégias de enfrentamento. É na cotidianidade, segundo Lefebvre (1978), que o indivíduo suporta as opressões geradas

pelos relacionamentos formais, pela burocracia das instituições e das organizações econômicas que passam a desempenhar um papel controlador na sua mobilidade social.

### **O poder da representação na manutenção da exclusão no lugar**

No início, o capitalismo mantinha uma relação com o espaço de subordinação ao capital. Com a evolução do processo, o espaço passa a ser visto também como um bem que passou a ser dominado pela especulação. As relações de dominação que existem passam a ser debatidas nos acampamentos; o trabalhador passa a ter consciência de que, enquanto uma minoria mantém as terras concentradas sem produzir, a maioria dos trabalhadores não tem como sobreviver. De acordo com Lefebvre (1976 b, p. 100),

El capitalismo ha tomado posesión del suelo, del espacio; [...] adelante *convertido en bienes muebles* (construcciones, especulaciones) [...] oscila entre una función subordinada de nuevo auge económico, una función de diversión, una función de regulación y una función dominante, y eso, según los momentos coyunturales, los países, etc. Entra a formar parte de la desigualdad general de los sectores, de los crecimientos, de las situaciones económicas.

As representações são geradas nas relações sociais e pelo modo de produção. Marx, nos seus estudos, analisa que a sociedade capitalista se estruturou numa representação quantitativa do trabalho. Esse fato possibilitou a existência de relações de exploração. A força da representação ocorre porque distorce a realidade social, tendo como medida o relógio e tempo para se produzir um determinado trabalho.

Na sociedade moderna, as representações foram substituindo outras e, desta forma, foram perpetuando a dominação. Nesta nova forma de exploração, foram substituídos pelo equivalente geral: o dinheiro. Este substituiu a sensação e as emoções vividas nas relações sociais.

Nesse sentido, a representação assumiu o lugar das relações sociais, dos objetos, dos produtos, das obras e foi sendo incorporada socialmente. A sociedade, que antes explicava o espaço vivido através de fatos históricos, passou, com a modernidade, a consumir os signos e as imagens e, principalmente as representações. Estas que reduzem a realidade encobrem os conflitos e modificam as relações sociais. De acordo com Lefebvre (1983), as representações se apresentam como real, no entanto só fazem aparentar uma realidade que não existe distorcendo as relações concretas.

A representação mantém uma relação com o espaço percebido, englobando valores, regras sociais, entendimento do mundo e a ideologia que vai sendo estruturada no cotidiano. Na sociedade, essa consciência social vai sendo construída no espaço vivido procurando o possível. Apesar dos riscos, vai procurando por em prática uma projeção virtual que vai se aproximando constantemente do impossível. Como o espaço percebido está envolto em representações, ele mantém uma relação dialética entre espaço vivido e o concebido influenciando a práxis revolucionária. O entendimento desse processo de mudança da realidade Lefebvre denomina de consciência do possível.

Na sociedade, a representação tem um papel importante no processo de construção do conhecimento e da modificação da estrutura social. A vida em sociedade não existe sem representação, no entanto, esta não consegue explicar todos os fatos da vida. Segundo Lefebvre (op. cit.), o homem ao produzir uma obra consegue negar as representações porque trabalha com a espontaneidade, trabalha a criatividade e impulsiona a imediação perdida. Ao criar uma nova realidade, ele ultrapassa as mediações e as representações, porém sem destruí-la. Numa relação dialética que em certos momentos integra e, em outros, a nega. No espaço vivido ocorre a representação, mas também a sua transgressão.

No cotidiano da sociedade ocorre o espaço vivido. É no âmbito desse espaço que acontece o imediato. As pessoas adquirem comportamentos condicionados ou entendidos



no espaço percebido, relacionam-se, sobrevivem, mas também recebem influência do espaço concebido através do consumo de signos e das formas. Contudo, dialeticamente, também pode criar uma práxis revolucionária. Nesse sentido, o espaço vivido pode se tornar revolucionário e passar a ser uma estratégia para modificar a estrutura social.

O ser humano, de acordo com Marx (1993), é um ser social. A sua personalidade vai sendo formada no convívio social, sofrendo influências sociais, mas também contribuindo na formação da sociedade. A consciência social, nessa relação, é o acúmulo das experiências nas relações sociais.

De acordo com Bogo (1999), no primeiro momento, são assimilados conceitos informais que formam a cultura de um grupo social. Essa consciência social posteriormente vai sendo desenvolvida formalmente através do sistema educacional.

Enquanto a consciência social é produto das relações sociais, quando o trabalhador passa a compreender a estrutura excludente da sociedade e o seu papel nessa estrutura incorpora uma nova categoria que é a consciência política. Nesse sentido, para o referido autor, a consciência política é um estágio superior da própria consciência, ela incorpora valores que buscam mudar as relações da sociedade.

O trabalhador rural, ao se incorporar ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, já traz consigo uma consciência social, com valores culturais, religiosos e históricos que fazem parte do seu imaginário social. No espaço vivido, a militância na práxis cotidiana do acampamento incorpora novos valores. A consciência social, através da intervenção organizada vai se modificando e se transformando em uma consciência política, incorporando um *ethos* de “trabalhador rural Sem-Terra”. O *ethos* “Sem-Terra” é uma vinculação de acordo com Gaiger (1994, p. 180), “entre identidade e o projeto, entre concepção do mundo e ação sobre o mundo, entre razão e valor”.

Numa perspectiva geográfica, a mística nos acampamentos interage em diferentes dimensões:

Como uma ação externa com conteúdo científico e permeada pelo acúmulo de experiências das lutas de movimentos sociais influencia no subjetivo do trabalhador;

Mantendo um intercâmbio com os trabalhadores rurais e dialeticamente incorporando novos conteúdos. A circulação de informações na mística é dinâmica e criadora de novos conhecimentos;

Mantendo particularidades em decorrência da especificidade de cada lugar. Havendo neste sentido uma diversidade espacial na unidade do Movimento.

## **A função das formas na manutenção da estrutura da terra**

Segundo Marx, na sociedade capitalista existem interesses antagônicos entre a classe dominante e os trabalhadores. Enquanto a classe dominante quer se manter no poder através da exploração, os trabalhadores por sua vez, lutam para acabar com essa exploração. No entanto, para que essa relação de opressão seja extinta, é necessário que o explorado, isto é, o trabalhador tome consciência da sua exploração e se organize de forma coletiva para transformar a estrutura social, pois a emancipação tem como condição a ação do próprio trabalhador.

Nessa relação, a mercadoria é, inicialmente, um objeto externo, uma coisa que satisfaz uma necessidade humana qualquer. É a utilidade de uma coisa que lhe dá valor de uso. Mas, a utilidade não existe no ar. Algo pode ter um valor de uso sem ser, no entanto, um valor. Isto acontece quando sua utilidade é acessível ao homem sem exigir trabalho. Por exemplo: o ar, o solo, os campos, os bosques. Um homem que, com seu produto, satisfaz às suas necessidades pessoais, produz um valor de uso, mas não uma mercadoria.

A valorização do mundo do consumo também proporcionou a desvalorização do trabalhador. De acordo com Marx (1980, p. 159), esse fato ocorreu porque o produto do seu trabalho se lhe opõe como sendo estranho. O trabalho adquiriu um poder independente do produtor se tornando antagônico a ele.

A realização do trabalho surge de tal modo como desrealização que só o trabalhador se invalida até a morte pela fome. A objetivação revela-se de tal maneira como perda do objeto que o trabalhador fica privado dos objetos mais necessários, não só à vida, mas também ao trabalho.

Na sociedade as formas passaram a ter uma função subjetiva. Os indivíduos passaram a conviver com relações contratuais que regularam as relações sociais. O ato social, através de certidões, contratos e normas passou a se apresentar, de acordo com Lefebvre (1974), sob a falsa imagem da igualdade. No entanto, esse ato social ocorreu gerando contradições sociais. As relações sociais se fundamentam num “quase contrato”, numa disciplina social em que a relação de troca passou a determinar os aspectos lógicos, morais e jurídicos.

Os grupos dominantes mantêm o domínio sobre a sociedade ao instituir, através das formas, seus valores estéticos, culturais, morais e intelectuais. Segundo Lefebvre (1976 b), o estado vai exercer um papel importante na legitimação dessa relação quando passa a regular as relações na sociedade através das leis e das escrituras. Nesse sentido, a apropriação do solo surgiu como uma lei regulamentada num código burguês procurando manter o domínio sobre o conteúdo que é a terra. A escritura passa a exercer a função de representação da palavra e da “legalidade política”.

O contrato jurídico, baseado em valores burgueses da riqueza imobiliária, legalizou a posse da terra com a compra e venda. Nessa relação incorporou tudo que estava nela como bens, até os trabalhadores. A lei, através da escritura, legalizou esse processo que passou a reger o acesso a terra. Esta, até a atualidade, é vista nos processos judiciais mesmo tendo sido assegurada na Constituição, artigo 5º, inciso XXXIII, a necessidade de exercer uma função social como um patrimônio econômico e político que precisa ser mantido.

Essa realidade é observada nas relações trabalhistas em Canindé do São Francisco. Os fazendeiros mantêm uma relação com os trabalhadores rurais equivalente à produção de uma mercadoria. O trabalhador não é visto como um ser humano que necessita se alimentar, educar os filhos e ter uma vida digna. A exploração ocorre quando um trabalhador rural recebe por um dia “alugado” somente R\$ 5,00, gerando um tempo de trabalho suplementar que mantém a sua exploração.

É no espaço vivido que os trabalhadores passam a vivenciar a privação de suas necessidades. Nele, ocorre o processo de sua alienação nas relações sociais de produção. Mas é também nesse ambiente que eles se organizam para transformar o impossível em possível.

Nessa relação dialética o cotidiano representa e pode representar um resíduo social, mas também é o espaço da totalidade. Um espaço de negação da dignidade podendo se transformar num espaço de apropriação, definindo um novo contexto social. Nesse contexto, a mística do MST estimula a participação para modificar o que a sociedade apresenta como concreto.

Na sociedade o conhecimento é passado de forma fragmentada. O espaço vivido é contraditório, a história social vai se desenvolvendo, relacionando o espaço concebido com o espaço percebido e assim criando possibilidade a construção da humanização do homem. É no espaço vivido que vai sendo construído o sentido para a vida do ser humano. No entanto, existe uma separação entre o homem e a sua produção social. Essa alienação entre possibilidade e realizações é transformada, os indivíduos se organizam numa práxis coletiva que gera uma nova realidade. Entretanto, existem, de acordo com Martins (2000, p. 122), relações residuais - concepções não são incorporadas pelo sistema - que possibilitam a práxis revolucionária. Nos espaços residuais, isto é, de insubordinação contra a opressão, vão sendo criadas pelos indivíduos utopias de transformação da sociedade:

Práxis que se funda no resgate e na unificação política dos resíduos – concepções e relações residuais que não foram capturadas pelo poder, que permaneceram nos subterrâneos da vida social, virtualidades bloqueadas. Alternativas do processo de humanização do homem imobilizadas pelo bloqueio do poder que domina a superfície – o espaço, mas também o

percebido, o horizontalizado, uniformizado, racionalizado pelas equivalências que resultam das trocas e do igualitarismo abstrato do contrato social e da razão.

## **A dominação do espaço no Capitalismo: estratégias e apropriação**

No capitalismo o espaço é utilizado para a produção de coisas. Nesta relação o espaço é apropriado por grupos que exercem o controle sobre ele. A sua ocupação e dominação na história está relacionada com estratégias ideológicas e políticas. Nesse sentido, de acordo com Lefebvre (1976 b, p. 46), o espaço mantém e oculta as relações sociais de opressão:

El espacio ha sido formado, modelado, a partir de elementos históricos o naturales, pero siempre políticamente. El espacio es político e ideológico. Es una representación literalmente plagada de ideología. [...] Porque este espacio que parece homogéneo, hecho de una sola pieza dentro de su objetividad, en su forma pura, tal como lo constatamos es un producto social. La producción del espacio no puede equiparse con la producción de tal o cual objeto particular, de tal o cual mercadería.

A estratégia do Movimento para mudar essa estrutura excludente é a ocupação dos espaços de domínio da classe dominante pelos trabalhadores, o símbolo da concentração da terra. O latifúndio improdutivo transforma-se num espaço de integração social. De acordo com BOGO (2003, p. 42),

A ocupação do latifúndio, como forma de luta, emergiu, também como desobediência civil, contestando o caráter das leis, para dar função social a um bem da natureza, indevidamente concentrado em toda a história do Brasil.

Nessa análise a influência de Antônio Gramsci é observada nas ações do Movimento. Em suas obras, observa-se que ele concorda com Marx ao reconhecer que a classe dominante utiliza a superestrutura, através das instituições, para dominar a sociedade. No entanto, a sua análise diferencia de Marx, porque destaca que na sociedade essas instituições que foram criadas para manter a estrutura social também podem se transformar num espaço de conquistas sociais. Isso ocorre, segundo Carlos Nelson Coutinho (1989), porque Gramsci trabalha com a categoria “guerra de posição”, que seria a transformação de espaço de opressão na sociedade em espaços de apropriação da classe trabalhadora.

Na ocupação de construção da superestrutura da sociedade, de acordo com Bogo (2003, p. 95), deve levar em conta que

a sociedade funciona através de sua superestrutura, montada, a partir de suas necessidades. A preocupação principal é saber combinar as lutas sociais com a estrutura de poder da sociedade, indo desde a esfera municipal até a federal. Neste aspecto, o MST sempre se procurou em se relacionar bem com as organizações como as igrejas, escolas, sindicatos, prefeituras, etc. O ponto de aglutinação deve ser a ação concreta, para se confirmar na prática a teoria. Mas também devem criar novas alternativas para resolver os problemas sociais independentemente da contribuição ou não do Estado.

A estratégia é estabelecer uma linguagem acessível para trabalhar esses conhecimentos científicos. A cidadania só poderá ser concretizada para os trabalhadores com o conhecimento da realidade, é impossível transformar uma sociedade que não se conhece. De acordo com Bogo, a pressão organizada dos trabalhadores Sem-Terra mudou

a correlação de forças na sociedade. Essa ação extraordinária desafiou a “impossibilidade”, propondo soluções para os problemas que os sonhos imaginariam.

No país, o Movimento cria espaços diferenciados num processo de permanente transformação. A mística atua no sentido como criação social dando cimentação no mosaico cultural do movimento e nas aspirações diferenciadas dos trabalhadores rurais. A mística cria nas instâncias do movimento espaços de circulação de informação, espaços de produção, espaços de organização e espaços de produção cultural.

## Os princípios místicos que vão orientando a prática no cotidiano

A contradição do espaço se situa entre o globalmente produzido e suas fragmentações conquistadas no cotidiano da luta. O todo opressivo, dialeticamente, fortalece a conquista de novas parcelas do espaço porque passam a ser uma prova que é possível à mudança da estrutura fundiária. Na totalidade, composta pelo espaço urbano e o agrário, os fluxos de informações sobre a atuação do Movimento também passam a oxigenar outros movimentos sociais e incentivar a organização popular. Bogo (2003, pp. 217-218) analisa que...

as pessoas [...] se sentem seguras, donas do espaço geográfico. Os dirigentes do MST *sabem que conhecer e dominar o espaço geográfico é ter poder*. E este poder, agora instituído sob lonas, que passa a ser força de contestação, local e global. Além da pressão política na região, esta se estende para a capital do Estado e também para a capital federal. Como uma metamorfose em movimento, os trabalhadores renegados pelo capital, do dia para a noite, passam a levar o nome de *sem-terra*.

O objetivo da mística é dar sustentação ao projeto político do Movimento. Alimentando a prática no espaço vivido com energia para manter a luta e seguir mesmo sendo árduo o caminho. O seu objetivo, de acordo com Bogo, é manter a força, o ânimo, a esperança, mesmo que em certos momentos a conquista pareça impossível. O mistério da mística é transformar o impossível em possível, é renascer dos impedimentos com mais força.

Conforme o referido autor, a primeira raiz da mística é a **contemplação**. O trabalhador quando entra no Movimento, já tem a prática da contemplação. No ato de cultivar a terra ele semeia e espera pacientemente que o ciclo da vida se complete germinando o fruto do seu trabalho. Este ato de contemplação é a primeira raiz da mística.

Essa característica da mística vem junto com o camponês que entra para a organização do MST. [...] Há contemplação nas reuniões de base, quando as pessoas, atentas, ouvem as explicações e desenham um mapa imaginário do trajeto a ser feito até a terra. [...] A mística [...] é a capacidade de construir imaginariamente o momento seguinte e fazer parte dele. [...] o contemplativo não vive apenas o presente, consegue antecipar simbolicamente o futuro e isso ocupa todo o seu tempo. (BOGO, op. cit., pp. 305-306)

A segunda raiz da mística é a **adoração**. Faz parte da tradição plantar, em dias santos, o respeito aos fenômenos da natureza e aos astros. A religiosidade, o embelezamento de locais e a devoção são canalizados pela mística para fortalecer a convicção do trabalhador na mudança da sociedade.

A terceira raiz da mística são **os sons** que existem no campo. Os trabalhadores comemoram a colheita, celebram a sua religiosidade com festas e manifestações. As celebrações são realizadas com danças e música. O referido autor acrescenta que, no Movimento, a música desempenha também essa função de harmonia. O trabalhador tem uma memória associativa, a música trabalha com a sua realidade, mas também, traz a

alegria para o cotidiano da luta. Além disso, divulga as mensagens ideológicas que forma a consciência do trabalhador.

Nesse processo, a mística, conforme Pizetta (2002), é uma prática que se manifesta com teoria, conteúdo e ideologia. O referido autor que utiliza duas categorias da dialética, a mística possui conteúdo e forma porque a impulsiona e, ao mesmo tempo, vai proporcionando o desenvolvimento político no cotidiano da militância e o enriquecimento do imaginário dos Sem-Terra com sonhos e esperanças para conseguir a territorialização.

O ser humano para sobreviver, tem necessidades materiais e espirituais. Para satisfazer essas necessidades, ao produzir vai fazendo cultura. Quando ele passa a refletir sobre as suas ações, no espaço vai incorporando uma consciência social. No Movimento, as ações dos Sem-Terra vão criando cultura; as experiências passam a incorporar a memória social dos trabalhadores. Segundo Bogo (2003), essa memória é a repetição de comportamentos que foram sendo adquiridos com o conhecimento acumulado na sociedade, mas também é composta de conhecimentos científicos que influenciam na consciência social do trabalhador. Essa consciência se mantém social porque o Sem-Terra incorpora conhecimentos na convivência. Para esta se transformar numa consciência política é necessário que, no cotidiano do Movimento, o trabalhador além de entendimento da realidade excludente deva lutar para transformá-la.

A insurgência do uso no estudo do espaço social, segundo Lefebvre (1991, p. 89), deu-se em decorrência dos conflitos gerarem elementos novos. O fim, o objeto, a legitimação oficial dessa sociedade são a satisfação.

Nossas necessidades conhecidas, estipuladas são ou serão satisfeitas. Em que consiste a satisfação? Em sua saturação tão rápida quanto possível (quanto às necessidades que podem ser pagas). A necessidade se compara a um vazio, mas bem definido, a um oco bem definido. O consumo e o consumidor enchem esse vazio ocupando esse oco. É a saturação. [...] Para que a necessidade se torne rentável, é estimulada de novo, mas de maneira [...] diferente. As necessidades oscilam entre a satisfação e a insatisfação, provocadas pelas mesmas manipulações. Desse modo, o consumo organizado não divide apenas os objetos mas a satisfação criada pelos objetos.

Na vida cotidiana, os seres humanos têm necessidades para sobreviver. O homem precisa se alimentar, habitar, vestir-se e ter acesso ao lazer. Essas necessidades, de acordo com Lefebvre (1978, p. 85), é filtrada pela linguagem através de proibições e permissões. Esse controle sobre as necessidades deslocou a apropriação que deveria ser uma conquista coletiva para o plano do individualismo.

En la vida cotidiana entramos en contacto con el mundo humano ya realizado, con innumerables objetos producidos en lugares lejanos o escondidos (talleres, fábricas) y que se convierten en bienes; el conjunto de estos bienes se ofrece a las ambiciones y estimula los deseos; algunos de entre ellos se nos escapan y son inaccesibles.

Esta relação dialética torna dinâmica até a organização da estrutura mística do Movimento. A estrutura nacional representa a totalidade, elabora um direcionamento de ação geral do Movimento, mas também ele convive com a dinâmica das partes que adapta as estratégias conforme a realidade do lugar onde será aplicada. Esse mecanismo vai sendo alimentado pelas diretrizes gerais, mas também vai alimentando o processo com novas experiências para atuar no espaço, ou seja, é um processo em constante mobilidade.

## Considerações finais

Nos acampamentos a apropriação mantém as particularidades. É precisamente ao atuar na apropriação do espaço que a mística dá uma nova função ao espaço. Essa espacialização da luta incorpora novos símbolos. Ao criar espaços nos acampamentos vai colocando em andamento o projeto coletivo dando nova funcionalidade ao lugar criando a possibilidade de uso. As novas interações com fluxos de informações locais, nacionais e internacionais e com conteúdos ideológicos, políticos, econômicos faz incorporar um novo conteúdo simbólico no subjetivo do trabalhador rural. Embora o conhecimento científico oriente as ações no cotidiano dos acampamentos, é inegavelmente importante a influência da cultura e das experiências de vida do trabalhador. Nesse sentido a mística é sempre dinâmica e criadora de novas relações sociais. É uma atuação marcada notadamente por inovações e estratégias de ação dinâmica.

Proporcionando a mediação entre as possibilidades de mudanças e as alternativas de criação as transformações vão ocorrendo no espaço numa correlação de forças dialética criando e recriando estratégias de resistência e de apropriação. A mística é um território que flui por toda a estrutura do Movimento. Ela antecede a ocupação. A sua intervenção dá-se num espaço virtual com conteúdo político, ideológico e cultural transformando o cotidiano da militância. Mas também num espaço concreto materializado com a implantação com a ocupação do latifúndio, utilizando os símbolos do Movimento e na interação com os trabalhadores rurais. Os espaços virtual e concreto são interligados. Essa intervenção no espaço vai proporcionando o movimento de espacialização dos trabalhadores.

Pensar o futuro na mística é agir no hoje com uma prática social que cria uma geografia da Mística. A práxis libertadora do trabalhador é espaço de contra-poder à política econômica do país. Nessa perspectiva, no espaço vivido são implantadas articulações e estratégias de enfrentamento. Um processo complexo que compreende diferentes correlações de forças que ocorrem no tempo e no espaço. Na integração espaço e tempo, o espaço geográfico é influenciado pelo subjetivo do trabalhador. O espaço-tempo é criado e recriado tendo como norte o projeto político já concretizado no subjetivo do trabalhador.

De fato, o processo de territorialização do Movimento reorganiza o espaço de forma diferenciada. As relações exercidas são funcionais e espaciais tendo como unidade o projeto político do Movimento. A mística constrói a territorialização no cotidiano. A territorialidade é resultado da relação entre a mística, os trabalhadores rurais sem-terra e a ação sobre o espaço. Os lugares possuem técnicas e culturas diversificadas. A diversidade cultural dos trabalhadores rurais sem-terra não serve de empecilho para a atuação do Movimento no espaço, ela enriquece o arcabouço teórico. O intercâmbio cultural, as diferentes formas de produzir e de organização dos trabalhadores rurais são incorporados na sua atuação. Essa diversidade torna-se homogênea sem, no entanto, perder as combinações particularidades.

Na realidade social convivemos com estratégias de poder e de oposição. Estas estratégias acontecem no cotidiano. Através das representações e ideologias que incorporamos um sistema de valores e subsistemas organizados que justificam os valores do imaginário social. O simbolismo coletivo e a imaginação individual utilizam como veículo a linguagem, as imagens e as coisas, no entanto, é somente com a *poiesis* e *praxis* que o ser humano se apropria do seu corpo, do tempo, do espaço e do desejo. Seguindo essa linha de pensamento entende-se que esse processo ocorre no cotidiano dos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra quando se formam espaços de resistência contra a dominação social. Desse modo, a mística incorpora na identidade dos acampados, um novo arcabouço cultural e teórico que irá influenciar na recriação de um espaço diferenciado.

## Bibliografia

ALMEIDA, Maria Geralda; VARGAS, Maria Augusta Mundim. A dimensão cultural do sertão sergipano. In: DINIZ, José Alexandre Felizola; FRANÇA, Vera Lúcia Alves (orgs.). Capítulos de Geografia Nordestina. Aracaju: Sergipe NPGeo-UFS, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: Introdução a Filosofia. São Paulo: Moderna, 1994.

BASTOS, Eduardo Alves & FONSECA, Vânia. Dimensão Econômica. In: FONSECA, Vânia & BASTOS, Eduardo Alves (orgs.). Sertão do Baixo São Francisco Sergipano. Aracaju – Sergipe: CODEVASF/UFS/CNPQ, 1997.

BERGER, Christia. Campos em confronto: a terra e o texto. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

BOFF, Leonardo. Igreja: carisma e poder. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. Alimentar nossa mística. Caderno de Formação nº 27. São Paulo: MST, março de 1998 a.

\_\_\_\_\_. O despertar da água: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. 17 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998 b.

\_\_\_\_\_. Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os homens. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOGO, Ademar. Como melhorar nossa mística. Caderno de Formação nº 27. São Paulo: MST, março de 1988.

\_\_\_\_\_. Lições de Luta Pela Terra. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. O Vigor da Mística. São Paulo: Associação Nacional da Cooperação Agrícola, 2002.

\_\_\_\_\_. Arquitetos de Sonhos. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BOMBARDI, Larissa Mies. O bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa. São Paulo: Annabluma, 2004.

BRANCO, Maria Tereza Castelo. Jovens sem-terra: identidades em movimento. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento político. Rio de Janeiro: Ed. Campus/UFRJ, 1989.

\_\_\_\_\_. Marxismo e Política a dualidade de Poderes. São Paulo: Cortez, 1994.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Gênese e desenvolvimento do MST. São Paulo: Gráfica e Ed Peres. Caderno de Formação nº 30, 1998.

\_\_\_\_\_. MST: formação e territorialização. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. A formação do MST no Brasil. Petrópolis: VOZES, 2000 a.

\_\_\_\_\_. Movimento social como categoria geográfica. nº. 15. Terra Livre. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2000 b.

\_\_\_\_\_. Brasil 500 Anos de luta pela terra. Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária – ABRA. São Paulo: Páginas e Letras. v. 28, nº. 1, 2 e 3 – Jan/Dez de 1998 e v. 29, nº. 1 de jan./ago. de 1999.



FREHSE, Fraya. O estranho sonho: entre o imediato e o possível. In: MARTINS, José de Souza (org.). (Des) Figurações: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: Hucitec, 1996.

GAIGER, Luiz Inácio. A práxis coletiva dos sem-terra: rumo à unidade ou a heterogeneidade cultural? Cadernos de Sociologia v. 6. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

GEHLEN, Ivaldo. Estrutura, dinâmica social e concepção sobre terra no meio rural do Sul. Cadernos de Sociologia, v. 6. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e ciências Humanas da UFRGS, 1994.

GOHN, Maria da Glória. Os sem-terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização. São Paulo: Cortez, 2000 a.

\_\_\_\_\_. Mídia Terceiro Setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2000 b.

GOMES, Alfredo Macedo. Imaginário social da seca, suas implicações para a mudança social. Recife: Fundal, 1998.

LEFEBVRE, Henri. Introdução a Modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

\_\_\_\_\_. Sociologia de Marx. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.

\_\_\_\_\_. Hegel, Marx, Nietzsche ou o reino das sombras. São Paulo: Ulissea, 1976 a.

\_\_\_\_\_. Espacio Y política: el derecho a la ciudad, II. Barcelona: ediciones península, 1976 b.

\_\_\_\_\_. De lo rural a lo urbano. Barcelona: ediciones península, 1978.

\_\_\_\_\_. La consciende mystifiée. Paris: Le Sycomore, 1979.

\_\_\_\_\_. La Presencia y la Ausencia. Contribución a la teoria de las representaciones. México: Fondo de Cultura Economica, 1983.

\_\_\_\_\_. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

MARTINS, José de Souza (org.). Henri Lefebvre e o retorno a dialética. São Paulo: HUCITEC, 1996.

\_\_\_\_\_. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da sociedade anômala. São Paulo: HUCITEC, 2000.

MARX, Karl. Trabalho assalariado e capital. São Paulo: global editora, 1980.

\_\_\_\_\_. Manuscritos econômicos-filosóficos. Lisboa / Portugal: edições 70, 1993.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.

MST. Normas Gerais do MST. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 1989.

MST. O movimento de massa nº 4. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 1991.

MST. Como organizar a massa. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, setembro de 1991.

MST. Documento básico do MST. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 1991.

MST. Os princípios organizativos. São Paulo: MST, 1991. (Coleção Saber e Fazer nº. 5)

MST. Sem-terra: as músicas do MST. Porto Alegre: Contexto Editoração Eletrônica, 1996.

MST. Trabalho de Base. Cartilha nº. 4. São Paulo: Projeto Popular para o Brasil, março de 1999.

NAVARRO, Zander (org.). Política, protesto e cidadania no campo. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Modo capitalista de produção e agricultura. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios).

\_\_\_\_\_. A geografia das lutas no campo. São Paulo: Contexto, 1988. (Coleção Repensando a Geografia).

\_\_\_\_\_. A agricultura camponesa no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991. (Coleção Caminhos da Geografia).

\_\_\_\_\_. As transformações recentes no campo brasileiro. São Paulo: USP, 1999. (Prova de erudição de provimento do cargo de professor titular do Departamento de Geografia/ FFLCH)

PIZETTA, Adelar. Introdução. In: BOGO, Ademar. Vigor da Mística. São Paulo: Associação Nacional da Cooperação Agrícola, 2002.

SADER, Regina. Lutas e imaginário camponês. Tempo Social. São Paulo: USP, 1990.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova. São Paulo: Hucitec, 1980.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza (org). Henri Lefebvre e o retorno da dialética. São Paulo: Hucitec, 1996. pp. 71-86.

SILVA, Ranulfo Peloso da. A retomada do trabalho de base. São Paulo: Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiar, 1997.

\_\_\_\_\_. Sobre a liderança na orientação popular. São Paulo: Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiar, 1998a.

\_\_\_\_\_. A força que anima os militantes. Caderno de Formação nº. 27. São Paulo: MST, março de 1998b.

STÉDILE, João Pedro. A luta pela terra no Brasil. São Paulo: Scritta, 1993.

\_\_\_\_\_. (coord). A questão Agrária Hoje. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; ANCA, 1994.

\_\_\_\_\_. A questão agrária no Brasil. São Paulo: Atual, 1997. (Espaço e Debate).

Recebido em: fevereiro de 2006  
 Versão reformulada reapresentada em: setembro de 2006  
 Aprovado em: setembro de 2006